

O PHONOGRAPHO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario e redactor principal, o bacharel Luiz Augusto de Oliveira

ESCRITORIO, RUA DOS INVALIDOS N. 32

Vol. I.

Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1878

N. 1

O PHONOGRAPHO

Animados pela evolução scientifica e litteraria, que, de certos annos se manifesta pela imprensa no paiz, ou, pelo menos, nas capitães e cidades importantes do imperio, emprehendemos crear uma folha.

São modestas nossas pretensões; serio, porém, nosso intuito.

Não queremos arvorar-nos Aristarchos, profligar abusos imaginarios, lançar doestos e apodos sobre qualquer classe, seita, instituição; em geral, sobre qualquer corpo collectivo. Muito mais, obrigamo-nos a não hostilizar individualidades.

Entretanto, releva confessar, a folha, cujo primeiro numero hoje offerecemos ao publico, não tem um qualificativo especial. Se não se póde denominar-a—politica, scientifica ou noticiosa; tem uma physionomia sua, que lhe permittirá tratar de todos os variados assumptos relativos ao progresso sociologico.

O altruismo é a divisa do grande fundador da Synthese subjectiva; pois bem,—sejamos altruistas.

E, para sel-o, empenhamo-nos:

- A respeitar a verdade;
- A diffundir os conhecimentos uteis;
- A popularisar tudo quanto tender a instruir, sem anarchisar;
- A dispor, emfim, do nosso fraco prestimo em beneficio da humanidade.

Melhor mostrarão nossos artigos o que succintamente deixa entrever este programma.



Caminhos de ferro no Brazil, a proposito de um decreto recente

O Sr. ministro da agricultura acaba de referendar o decreto n. 6995 de 10 de Agosto, em que são estabelecidas as bases geraes para a concessão de garantia de juros, ou fiança ás estradas de ferro, ás quaes referem-se os decretos n. 641 de 26 de Junho de 1852 e n. 2450 de 24 de Setembro de 1873.

Desse recente decreto vamos-nos occupar, manifestando com franqueza o que sobre a materia pensamos. Procuraremos emittir nosso juizo sempre com a maior imparcialidade.

Talvez que a nossa opinião não seja a mais consentanea com as vistas do honrado Sr. ministro e de seus competentes auxiliares, mas, nem por isso, deixaremos de produzi-la, principalmente sendo, como é, nosso intuito a discussão scientifica, sob o aspecto tecnico e economico.

Possuimos serios e conscienciosos estudos, não de hoje, mas de oito longos annos de applicação e de devotamento a uma causa que consideramos importantissima.

Muito ha ainda a dizer-se sobre caminhos de ferro no Brazil.

A respectiva legislação é assaz defeituosa e só serve, ora, para crear embaraços dos quaes é difficil libertar-se uma empresa, ora, para conceder auxilios e contribuições a companhias que não têm razão de ser.

Animam-nos acclarar questões de tão vasto alcance a favoravel tendencia que parece alentar o Sr. ministro, digno chefe de um gabinete patriotico, e, ainda, a recepção lisongeira com que a imprensa acolheu um opusculo que sobre estradas de ferro ha pouco publicamos.

Convem insistir na idéa da criação de um plano geral de viabilidade por caminhos de ferro e por navegação fluvial.

São esses os dous grandes systemas de viação, com os quaes conta a industria no Brazil.

Conceder, pois, caminhos de ferro, sem que preceda-lhes um plano, sómente porque agiotas apresentam suas petições, muitas vezes extravagantes, não é o melhor meio de conciliar as necessidades da industria com os nossos diversos interesses politicos, administrativos e estrategicos, preliminares condições a que deve satisfazer a desejavel perfeita rede de estradas de ferro do Imperio.

Comquanto sejamos partidario da decentralisação administrativa, não queremos-a, comtudo, n'este ramo do serviço publico, tecnicamente fallando. E' esta a razão porque julgamos indispensavel a organisação de um centro especial, superintendendo todos os negocios relativos ás linhas ferreas do paiz.

Desde que não haja harmonia de vistas nas concessões de nossas estradas, desde que não obedeçam ás relações de ligação e de successão, que entre ellas devem existir, nada se poderá fazer de positivo em favor da industria.

Não queremos, entretanto, dizer, que a legislação que ainda hoje

regula o assumpto, não teve argumentos em seu favor. Não. Exigindo todos os conhecimentos humanos, evoluções sem as quaes não haveria progresso, repousa a lei que o rege justamente em que os verdadeiros principios são aquelles que se fundam em factos observados.

Não podia, portanto, a nossa industria de transportes deixar de submeter-se aos preceitos, a que estão subordinados todos os factos physicos e sociaes.

E', porém, tempo de abandonarmos a norma seguida.

Os reclamos industriaes vão já revelando quanto é imperfeita a nossa rede de communicações.

O Brazil não é mais uma região desconhecida.

Se d'elle não temos carta geographica como a da França, sabemos no emtanto do que é preciso para bem estabelecer-se um systema racional de vias ferreas e fluviaes. Ha, além d'isso, como acreditamos, a melhor vontade do Sr. ministro de obras publicas e de seus illustres collegas.

Para que, em tal caso, o adiamento de uma necessidade, quando esse adiamento o menos que póde trazer-nos, é o sacrificio inutil, por muito tempo ainda, do nosso desenvolvimento industrial?

Dirão, provavelmente, que as circumstancias criticas que o paiz atravessa não permitem as despesas imprescindiveis para a organização da repartição de caminhos de ferro.

Proposição fallaz e vãa.

Não ha despesas productivas?

Estas o seriam e, demais, talvez nem mesmo tenha o governo de despende coisa alguma, se encarregar do serviço apontado os fiscaes das nossas differentes estradas. Conservaria delegados permanentes só nos caminhos de ferro mais distantes da capital, subordinando tambem á repartição especial os fiscaes nomeados par parte das provincias.

Na escolha do pessoal, porém, estará tudo.

Ha no paiz engenheiros de merito e de aptidão comprovada.

E', pois, de bom conselho aproveital-os e não recorrer a mediocridades, como muitas que por ali andam, sem poderem ao menos apresentar certidões officiaes, ou authenticas, de suas habilitações.

Muito terá a fazer a repartição de caminhos de ferro.

Longe de ser um lugar de tal centro tecnico propina, ou *sine cura*, como em geral são os cargos de engenheiros fiscaes, terão seus empregados de formar o plano geral de viação e de preparar as intruções para os ante-projectos, para as concessões e para a construcção das nossas differentes linhas ferreas.

Além d'isso, consistirá mais o serviço em estudos technicos, commerciaes e contenciosõs, no exame da execução dos contractos, em tudo quanto diz respeito a garantias, subvenções, trafego, tarifas, tratados, estatutos, convenções, policia e segurança technicas, regulamentos, fornecimentos e invenções. Será ainda indispensavel a centralisação de documentos estatisticos, completando o programma sua organização e a de apontamentos estrangeiros, correspondencia diversa e publicações periodicas.

Assim ter-se-ha base segura e firme de partida.

Qualquer concessão á fazer-se será immediatamente reconhecida boa, ou má, patenteando-se logo os interesses lesados, ou auxiliados e preenchendo-se, muitas vezes mesmo, lacunas que porventura tenha o plano.

A nova lei, porém, do Sr. ministro da agricultura não attende a estas considerações, que julgamos de ingente magnitude. Prepara, comtudo, nova phase que não pôde tardar a manifestar-se.

E' o moderno decreto que nos propomos á analysar, offerecendo mais tarde um projecto para o qual desde já pedimos a attenção de S. Ex.

O primeiro capitulo do ultimo decreto refere-se ao capital garantido e diz no § 1º, que será elle determinado á vista do orçamento fundado em estudos, planos, desenhos e documentos exigidos; que estas bases não poderão ser alteradas sem approvação do governo e do fiscal; e que, finalmente, o fiscal poderá fazer modificações.

Divergimos inteiramente.

Bem sabe o Sr. ministro como são feitos entre nós os estudos preliminares e definitivos sobre caminhos de ferro.

Partindo-se de reconhecimentos quasi sempre effectuados sem o devido criterio, e, por consequencia, ficticios cuja presteza de promptificação só traz economia do tempo de que dispõem os engenheiros exploradores, acontece que, em geral, a directriz da estrada projectada, deixando de amoldar-se ás linhas de superficie do terreno, de fórma a obter-se o minimo movimento de terras e a mais stricta parcimonia no tocante a obras d'arte, é ella locada com grave prejuizo de dinheiros, que sua construcção absorverá, ficando por preço elevadissimo, quando podia importar em metade, ou um terço menos.

Sem possuir, em taes condições, o governo bons fundamentos para proferir decisão, a não serem as cadernetas de campo que, pôdem ás vezes mentir, vê-se obrigado a approvar estudos, que de maneira nenhuma devem ter pretensões a definitivos.

A' isto junta-se muitas vezes á ineptia do fiscal, que, nada aconselhando para a melhor direcção da estrada, só busca fazer exigencias frivolas.

Está, pois, o Estado contribuindo para seu proprio desproveito.

Não é o que todos os dias vêmos? Não é o que ainda ha pouco demonstraram as commissões encarregadas da construcção de tres importantes estradas, despresando os estudos anteriormente apresentados? De quem a razão; como obviar á essas duvidas e inconveniencias? Eis o ponto difficil da questão.

De um lado a companhia, ou empresa, interessada em empregar pessoal de sua inteira confiança; de outro o governo, apenas com um fiscal, zelando os cofres publicos.

Como resolver,—vamos dizêl-o.

Em qualquer empresa de caminho de ferro de capital garantido, ou subvencionado, duas são as partes contractantes e legitimamente interessa-

das;—a companhia que vai leval-o á effeito e o Estado que para isso tambem concorre com os dinheiros da nação.

Dar, portanto, plena e completa liberdade a uma das partes contractantes é, *ipso facto*, cooperar para o desprestigio da autonomia da outra, enfraquecendo-a nos meis de fiscalisação de seus interesses, tão dignos de respeito, como os da primeira.

Logo as commissões de estudos de uma estrada de ferro devem ser compostas de pessoal de confiança da empresa e do governo, fiscalizando este a marcha das operações do traçado, de accordo com os interesses publicos e regras da sciencia. Assim, pois, tendo o governo tres engenheiros em todas as estradas de ferro subvencionadas ou garantidas, empregados que não se limitarão, como hoje fazem, a residir no lugar, mas que ao contrario contribuirão com todas as forças para o mesmo fim, —a excellencia do traçado,—ficarão satisfeitas as conveniencias financeiras de ambas as partes contractantes.

E, como não é justo que sobre o governo recaia a despeza feita em maior interesse da companhia, que quanto melhores estudos possuir melhores lucros tambem auferirá, e d'elles utiliza-se mais directamente, deve ser a verba carregada á conta de exploração e estudos da empresa.

No decurso, porém, da execução das obras não tem o Estado necessidade de tão grande pessoal, que voltará á repartição para d'ahi seguir para outras commissões.

Ainda uma proposição em favor do que adduzimos.

A fiscalisação de quaesquer trabalhos de engenharia não é, como pensam, em grande numero, os nossos fiscaes, — um meio de oppor obstaculos á sua realisação.

A fiscalisação é a supremacia technica, auxiliando, aconselhando e modificando, sempre que as condições de execução afastam-se dos preceitos scientificos e das prescripções administrativas do contracto.

Torna-se, como vemos, muito diversa do que praticam os nossos fiscaes, que mais parecem denodados defensores da rotina, do que apostolos do progresso.

Eis porque não é acertado confiar ao juizo de um unico homem, de incapacidade reconhecida o mais das vezes, as modificações dos estudos definitivos de nma estrada de ferro, facilitando-lhe poderes dos quaes não póde fazer uso sério e proveitoso.

O § 2º do capitulo primeiro da lei estabelece a pena de suspensão da garantia, ou fiança, á empresa que fizer qualquer alteração no projecto definitivo, sem authorisação do governo, calculando-a este em relação ao capital empregado na alteração. E' justa a pena, tanto mais quanto o Estado facilita o recurso de approvação.

Redundando a alteração em economia, deduz o Estado do capital garantido metade do que se houver poupado.

Tal modo de proceder parece-nos equitativo.

O segundo capitulo do decreto regularisa o modo de tornar effectiva a garantia, ou fiança.

Não somos apologista da garantia de juros.

Já o temos por vezes dito em artigos e em opusculos.

E' preciso que se note que a garantia de juros sobre o capital de uma estrada de ferro está no trafego provavel que ella póde ter.

Garantir juros a estrada que vai dar prejuizo é inadmissivel no estado em que nos achamos e garantil-os a uma que vai dar vantagem é crear embaraços que bem podiam ser dispensados.

A garantia de juros deve ser a sancção governamental sobre o projecto, declarando si elle está em condições de ser executado, si os dados do prospecto são reaes. si emfim a empresa tem valór, si não passa de simples phantasia.

Com o augmento da industria de um paiz lucra seu erario publico.

Si, pois, multiplicam-se os estabelecimentos ruraes e agricolas; si se desenvolve a industria fabril e manufactureira; progride tambem a commercial, e todas trazem robusto contingente de augmento as rendas publicas. Ahi está, portanto, o Estado, como corpo collectivo, usufruindo proveitos que os individuos tambem recolhem.

Coparticipando das riquezas particulares tem, por consequinte, rigorosa obrigação de auxiliar os esforços privados.

Eis o que nos faz acreditar que muito melhor do que a garantia é a subvencão governamental.

Adiantamento de fundos pagaveis em um certo numero de annos e proporcionaes á importancia futura das empresas, com amortisação rasoavel, ou convertivel em capital realisado, ou acções, torna-se a subvencão de poderoso concurso.

Trata-se, porém, no decreto da garantia.

A parte que se reporta ao modo de tornal-a effectiva, cumpre confessal-o, foi bem estudada e revela muito em favor do Sr. ministro e dos que o coadjuvaram.

Além da fiança, ou garantia, concede mais o Estado diversos favores previstos no capitulo terceiro, taes como—zonas lateraes privilegiadas de 20 kilometros, cessão de terrenos devolutos, sesmeiros e posseiros, direito de desappropriação, uso de madeiras e materiaes do Estado, isenção de direitos de importação, e durante vinte annos, para o combustivel, preferencia para explorar minas e para a acquisição de terrenos devolutos destinados a colonias.

São na realidade promessas sinceras de um governo que comprehende as difficuldades com que luctamos em materia de meios de transporte.

Não nos parece todavia muito rasoavel a zona lateral de 20 kilometros.

Casos póde haver em que 20 kilometros sejam demais e outros em que sejam insufficientes.

Em um terreno muito fertil, em um municipio de grande lavoura, como o de Valença da provincia do Rio de Janeiro, que comporta tres ou mais estradas de farro, essa zona não teria razão de ser, no entanto que, em outros pontos do Brazil seria até mesmo escassa.

A zona privilegiada é ainda uma consequencia do plano de viação.

— As causas de caducidade do privilegio, da fiança e da garantia formam o quarto capitulo.

O quinto occupa-se do trafego, que deverá ser feito com segurança e regularidade, de accordo com os regulamentos approvados, e sem interrupção, quando não justificada.

Do trem rodante é o sexto capitulo.

Diz o decreto — «O trem rodante compôr-se-ha de locomotivas, alimentadores (*tenders*), de carros de 1ª e de 2ª classe para passageiros, cargas, etc.

« As companhias deverão fornecer o trem rodante, proporcional a extensão de cada uma das secções e, se o trafego exigir, á juizo do fiscal, maior numero de locomotivas, carros e *wagons*, que proporcionalmente cabiam a uma, ou mais secção, dentro do praso de seis mezes, incorrendo no caso contrerrio em multas, até que o governo o mande fornecer. »

Eis uma clausula que não pôde passar desapercibida.

Em primeiro lugar faz-se depender da extensão da estrada o seu material rodante e de tracção.

Suppõe-se que quanto mais comprida é uma estrada mais material deve ter.

Engano.

O material rodante e de tracção, em todos os tempos, foi sempre, como tudo em uma estrada de ferro, dependente do trafego.

Do trafego provavel são consequencias todos os elementos do plano da um caminho de ferro.

D'elle, portanto, é função o material rodante, sendo a extensão da estrada apenas um modificador do tempo em que pôde ir e vir, assim como tambem são modificadores de suas qualidades as rampas e as curvas.

Fazer, portanto, esperar seis mezes por material que devêra ter sido adquirido, attendendo-se ás condições do trafego provavel da estrada, é iniquidade para com as populações que exportam e importam pelo caminho de ferre construido.

Fica bem patente, pois, que o governo concede empresas, cujo trafego provavel ignora, o que por fórma alguma não se pôde admittir, sem deixar entrever aos estrangeiros, sobretudo, ignorancia que não nos assenta bem.

Não achamos de boa inspiração semelhante clausula.

(Continúa).

Denominações de algumas localidades em lingua tupi

Nunca é trabalho perdido a repetição do que disseram os grandes mestres. O tempo tudo corróe e transforma, mesmo algumas verdades, que servem á indagação ou ao descobrimento de outras; é mister, pois, reproduzir as paginas, que, como pingue herança, legaram-nos os bemfeitores da humanidade para, quanto seja possível, espaçar-se a época do olvido.

O livro scientifico, isto é, de linguistica, intitulado—*Glosaria linguarum brasiliensium*, do Dr. Carlos de Martius, de saudosa memoria e lisongeiramente conhecido no Brazil, póde, passando pelo cadinho da critica, não ser considerado um monumento, mas seu merito não é contestavel.

Diz-nos o laborioso naturalista no prologo d'esse *Glosaria* que, durante quarenta annos, viveu em contacto com os indigenas; parece que esta circumstancia, por si só, é sufficiente para crer-se consciencioso tal estudo.

Transcrevemos, com algumas modificações, o que segue-se.

ABAETÉ,—homem abalisado: aldeia do Pará e rio de Minas-Geraes; *aba*—homem, *eté*—abalizado.

ABIAHY OU ABIAHI ou ainda АБИИИИ,—agua das agulhas; lagôa da Parahyba do Norte; *hy*—agua, *abi*—agulhas da fructa *abia*.

ABUNA,—homem preto: morro e rio do Alto Amazonas; *aba*—homem, *una*—escuro, preto.

ACAIÁ,—montanha cornuda, ou tambem, saudavel: morro da provincia do Rio de Janeiro; *aia*—montanha, *caia*—de fôrma de chifre, ou tambem, saudavel.

ACANGUSSU, — cabeça grande: povoação do Paraguay; *acanga*—cabeça, *assu* ou *açu*—grande.

ACARAHY,—agua do peixe acará: rio da Bahia; *hy*—agua, *acara*—peixe do mesmo nome.

ACARAPÉ,—caminho do peixe acará: aldeia do Ceará; *pé*—caminho, *acara*—peixe do mesmo nome.

ACARI,—o mesmo que ACARAHY, por contracção:—freguezia do Rio Grande do Norte.

ACAPÉ,—lugar de esperar a maré: ribeiro em uma praia da Bahia; *acay*—esperar, *pé*—caminho.

AÇURI,—contractão de Aricuri,—palmeira *Cocus capitata*: freguezia de Minas Geraes.

ACURUA,—por corrupção AÇURUÁ,—cume da concha: serra da Bahia; *aca*—chifre, *urua*—concha.

AGUAPEHY, AGUAPE OU GUAPI: agua de *aguapé* ou tambem,—eu reconheço o caminho da agua:—rio da provincia do Rio de Janeiro, rio e serra de Mato-Grosso; *hy*—agua, *aguapé*—de plantas d'esse nome, ou tambem, *a*—eu, *coaub*—reconheço, *pé*—o caminho, *hy*—da agua.

AJURUOCA,—casa de papagaios: villa de Minas Geraes; *ajuru*—papagaio, *oca*—casa.

AMAMBAHY,—agua onde encontra-se a arvore *Cecropia* de nome *Ambay* ou *Ambaiba*: rio de Mato Grosso; *amamba*, corrupção de *Ambaiba*,—arvore d'este nome, *hy*—agua.

AMUCU,—este mucu: lagôa do Pará; *a*—o demonstrativo—este,—*mucu*—peixe d'este nome.

ANAJATUBA, INAJATUBA OU INAJATYBA,—lugar de palmeiras anajá: rio do Maranhão; *tyba*, *tuba* ou *tiva*—lugar, *anaja*—palmeira do mesmo nome.

ANAPU, UANAPU, GUANAPU OU QANAPU,—eis um pé de ananaz; rio do Pará; *a*, *ua*, *gua*, *oa*—particulas demonstrativas, *anana* ou *nana*—planta do ananaz.

ANAPURU,—lugar fertil: S. Bernardo do Brejo no Maranhão; contractão de *anama*—*puru*,—bastante empresta.

ANDAIÁ,—da palmeira desse nome, tambem chamada *Indaiá*: rio e freguezia de Minas-Geraes.

ANDARAHY, corrupção de ANDIRAHY,—rio dos morcegos: arrabalde da cidade do Rio de Janeiro e ribeiro da Bahia; *andira*—morcego, *hy*—agua.

ANHANGAHY,—agua dos espectros: rio do Paraguay; *anhanga*—espectro, diabo, phantasma, *hy*—agua.

ANHANDUHY-ASSU, o mesmo que o precedent, acrescentando *assu*—grande: rio de Mato-Grosso.

ANHANDUHY-MIRIM, idem, *mirim*—pequeno; cachoeira do rio Pardo.

ANHANGAPY,—terra do diabo: povoação do Pará; *anhanga*—diabo, *ypy*—terra.

ANHANGATINY, agoa de aspecto diabolico: rio do Pará; *anhanga*—diabo, *tim*—nariz, face, *hy*—agoa.

ANHAUMIRIM, por corrupção INHOMIRIM, campo pequeno: povoação e rio da provincia do Rio de Janeiro; *anhau*—campo, *mirim*—pequeno.

ANHONHECANHUVA, que desaparece de outro lado da terra: o rio Sumidouro em Minas Geraes; por corrupção da palavra composta das seguintes:—*anvi*—de outra banda, *canheme*—desaparecer, *yby*—terra.

ANHUMAS, corrupção de INHUMAS—ave d'este nome, a *Palamedea cornuta*; cachoeira do rio Cochim em Matto-Grosso.

APIAHY, contractão de APIABA—HY, agoa frequentada por homens: rio de S. Paulo.

APIAPUTANGA, lugar plantado de pitangueiras: rio dos Reis Magos no Espirito-Santo; palavra corrompida da composição de *apya* estar assentado, collocado e *pitanga*—arbusto que dá o fructo do mesmo nome.

APOCARANÁ ou APUCURUNÁ,—arranha mãos: montanha aurifera de S. Paulo; *po*—mão, *caranhá*—arranhar.

APORÁ,—aqui ha gente: serra e freguezia da Bahia; *a*—demonstrativo, *porá*—habitante.

ARAÇABATUBA—, lugar de araçaceiros, em Santa Catharina: *araça*—fructa d'esse nome, *iba*—arvore, *tuba*—lugar.

ARAÇAIBA, semelhantemente, ilha da provincia do Rio de Janeiro.

ARACAJU, nascem cajueiros; capital de Sergipe: *ar*—nascer, *caju* fructa d'esse nome.

ARACATI,—tempo bom, commodo ou certo: rio, montanhas e cidade do Ceará; *ara*—tempo, *catu*—hom.

ARACATIBA, lugar de bom tempo: povoação do Espirito-Santo, como acima, addicionando-se *tiba*—lugar.

ARAÇATIBA ou ARAÇATUBA, semelhantemente, em Santa Catharina, como ARAÇAIBA.

ARAÇOIABA, ARAÇOYAVA, GUARAÇOIAVA, QUIRAÇOYAVA e BIRAÇOYAVA, morro que o sol cobre: montanha de S. Paulo; *coaracy*—sol, *jaçuiaba*—cobre.

ARAÇUAHY, rio do Sol: em Minas Geraes; *coaracy* sol, *hy*—agua.

ARAGUAIA, tempo dos caranguejos, isto é, visitado n'essa época: rio de Matto-Grosso e de Goyaz; *ara*—tempo, *guaiá* caranguejo.

ARAGUARI,—agua visitada no tempo do ibis—*guará*: rio do Pará; *ara*—tempo, *guará*—ave do mesmo nome.

(Continúa).

Apontamentos sobre a Franco-maçonaria, ou associação de pedreiros livres

E' incerta a origem da maçonaria, ou associação de pedreiros livres. Perde-se ella em completa obscuridade.

Os factos historicos pouco adiantam.

Seja, porém, oriunda do Egypto, ou da Grecia; seja creada quando edificava-se o templo de Salomão, entregue aos cuidados do architecto Hiram; seja derivada das antigas ordens dos Templarios, dos Francos Juizes e dos Roza-Cruz; seja organizada na Lombardia no seculo 8º. por pedreiros livres que d'essa epocha em diante percorreram a Europa, construindo em paizes diversos, basilicas, templos e cathedraes, de stylos admiraveis; o certo é

que a maçonaria revela-se instituição util, poderosa, cheia de prestígio e de valor, atravessando os seculos e apresentando-se ainda hoje a nossos olhos envolvida em mysterios.

Já no 10.º seculo constituia corporação pujante de vitalidade. Presidia-a Edwin, irmão do rei Athelstan. Em 1277 erguia, sob a direcção de Erwin e de Steinback, a cathedral de Strasburgo, primor de arte gothica, e possuía, unica, os segredos da architectura.

Chegára mesmo a obter de varios imperadores e papas privilegios que só desapareceram mais tarde, quando a sciencia architectonica, cahindo no dominio publico, trouxe á associação de pedreiros livres a perda de seu character especial.

Eis porque introduziram-se na maçonaria pessoas de todas a classes e sobretudo nobres.

Por pouco não chegou ella a tornar-se puramente aristocratica na Inglaterra.

Participaram de seu gremio todos os lords.

Mais tarde, em 1502, um rei de Inglaterra, Henrique 7.º patrocinava-a com fervor e fundava em seu proprio palacio um nucleo, ou loja.

Acolhida ardentemente pelos inglezes, só poudo, no emtanto, penetrar em França a maçonaria, cercada do brilho e das garantias que entre elles tinha, no anno de 1717, com a fundação da loja Amizade e Fraternidade, em Dunquerque.

D'ahi espalhou-se por toda a parte, acompanhando assim o espirito de progresso e de liberdade do seculo 18.º.

Instituição philosophica e philantropica, quer a maçonaria o aperfeiçoamento moral e material da humanidade, congregando os que d'ella fazem parte. Para isso serve-se de certos symbolos e caracteres particulares.

Aggrupando os racionalistas e garantindo-lhes o exercicio de seus direitos e deveres de verdadeiro altruismo, professa a associação de pedreiros livres a liberdade, a tolerancia e a fraternidade.

Solidarios são os maçons no exercicio da beneficencia e na pratica de todas as virtudes, e verdadeiros irmãos, como elles proprios denominan-se uns aos outros, attribuem a criação do universo ao GRANDE ARCHITECTO, não syndicando nunca da côr politica, da religião, das nacionalidades e das distincções sociaes de seus membros.

A totalidade dos mundos, em sua organização e existencia physica e moral, representada por engenhosa imagem de grande templo, formou a esplendida corôa das allegorias maçonnicas, emanadas da arte de edificar e contribuindo todas para um mesmo fim.

Avulta ainda entre os maçons, como emblema de ideia inteiramente moral, a lenda do templo de Salomão, levantado por Hiram, que succumbira as paixões de odio de trez máos companheiros, que d'elle queriam arrancar os segredos da architectura.

Reunem-se os maçons para seus trabalhos em *lojas*, ou *offcinas*, presididas por *veneraveis*.

A estes coadjuvam os *vigilantes*. O *orador*, representante da legisla-

SUMMARIO

O Phonographo.	1
Caminhos de ferro no Brasil, á proposito de um decreto recente.	2
Denominações de algumas localidades em lingua tupi.	8
Apontamentos sobre a Franco-Maçonaria.	10
Um discipulo de Allan Kardec.	14
Uma orgia sacerdotal no pagode de Kandah-Swany	18
O plano de viação da provincia do Rio de Janeiro.	22
Desecamento de pantanos	23
Chronica politica.	24

NOTA.—Escaparam algumas incorrecções typographicas que o leitor facilmente supprirá; pelo que pedimos desculpa.

A REDACÇÃO

O PHONOGRAPHO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario e redactor principal, o bacharel Luiz Augusto de Oliveira

ESCRITORIO, RUA DOS INVALIDOS N. 32

Vol. I.

Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1878

N. 1

O PHONOGRAPHO

Animados pela evolução scientifica e litteraria, que, de certos annos se manifesta pela imprensa no paiz, ou, pelo menos, nas capitaes e cidades importantes do imperio, emprehendemos crear uma folha.

São modestas nossas pretensões; serio, porém, nosso intuito.

Não queremos arvorar-nos Aristarchos, profligar abusos imaginarios, lançar doestos e apodos sobre qualquer classe, seita, instituição; em geral, sobre qualquer corpo collectivo. Muito mais, obrigamo-nos a não hostilisar individualidades.

Entretanto, releva confessar, a folha, cujo primeiro numero hoje offercemos ao publico, não tem um qualificativo especial. Se não se póde denominal-a—politica, scientifica ou noticiosa; tem uma physionomia sua, que lhe permittirá tratar de todos os variados assumptos relativos ao progresso sociologico.

O altruismo é a divisa do grande fundador da Synthese subjectiva; pois bem,—sejamos altruistas.

E, para sel-o, empenhamo-nos:

— A respeitar a verdade;

— A diffundir os conhecimentos uteis;

— A popularisar tudo quanto tender a instruir, sem anarchisar;

— A dispor, emfim, do nosso fraco prestimo em beneficio da hu-

manidade.

Melhor mostrarão nossos artigos o que succintamente deixa entrever este programma.



4.002

52

Caminhos de ferro no Brazil, a proposito de um decreto recente

O Sr. ministro da agricultura acaba de referendar o decreto n. 6995 de 10 de Agosto, em que são estabelecidas as bases geraes para a concessão de garantia de juros, ou fiança ás estradas de ferro, ás quaes referem-se os decretos n. 641 de 26 de Junho de 1852 e n. 2450 de 24 de Setembro de 1873.

Desse recente decreto vamos-nos occupar, manifestando com franqueza o que sobre a materia pensamos. Procuraremos emitir nosso juizo sempre com a maior imparcialidade.

Talvez que a nossa opinião não seja a mais consentanea com as vistas do honrado Sr. ministro e de seus competentes auxiliares, mas, nem por isso, deixaremos de produzi-la, principalmente sendo, como é, nosso intuito a discussão scientifica, sob o aspecto technico e economico.

Possuimos serios e conscienciosos estudos, não de hoje, mas de oito longos annos de applicação e de devotamento a uma causa que consideramos importantissima.

Muito ha ainda a dizer-se sobre caminhos de ferro no Brazil.

A respectiva legislação é assaz defeituosa e só serve, ora, para crear embarços dos quaes é difficil libertar-se uma empresa, ora, para conceder auxilios e contribuições a companhias que não têm razão de ser.

Animam-nos aeclarar questões de tão vasto alcance a favoravel tendencia que parece alentar o Sr. ministro, digno chefe de um gabinete patriotico, e, ainda, a recepção lisongeira com que a imprensa acolheu um opusculo que sobre estradas de ferro ha pouco publicamos.

Convem insistir na idéa da criação de um plano geral de viabilidade por caminhos de ferro e por navegação fluvial.

São esses os dous grandes systemas de viação, com os quaes conta a industria no Brazil.

Conceder, pois, caminhos de ferro, sem que preceda-lhes um plano, sómente porque agiotas apresentam suas petições, muitas vezes extravagantes, não é o melhor meio de conciliar as necessidades da industria com os nossos diversos interesses politicos, administrativos e estrategicos, preliminares condições a que deve satisfazer a desejavel perfeita rede de estradas de ferro do Imperio.

Comquanto sejamos partidario da decentralisação administrativa, não queremos-a, comtudo, n'este ramo do serviço publico, technicamente fallando. E' esta a razão porque julgamos indispensavel a organisação de um centro especial, superintendendo todos os negocios relativos ás linhas ferreas do paiz.

Desde que não haja harmonia de vistas nas concessões de nossas estradas, desde que não obedeçam ás relações de ligação e de successão, que entre ellas devem existir, nada se poderá fazer de positivo em favor da industria.

Não queremos, entretanto, dizer, que a legislação que ainda hoje

regula o assumpto, não teve argumentos em seu favor. Não. Exigindo todos os conhecimentos humanos, evoluções sem as quaes não haveria progresso, repousa a lei que o rege justamente em que os verdadeiros principios são aquelles que se fundam em factos observados.

Não podia, portanto, a nossa industria de transportes deixar de submeter-se aos preceitos, a que estão subordinados todos os factos physicos e sociaes.

E', porém, tempo de abandonarmos a norma seguida.

Os reclamos industriaes vão já revelando quanto é imperfeita a nossa rede de communicações.

O Brazil não é mais uma região desconhecida.

Se d'elle não temos carta geographica como a da França, sabemos no emtanto do que é preciso para bem estabelecer-se um systema racional de vias ferreas e fluviaes. Ha, além d'isso, como acreditamos, a melhor vontade do Sr. ministro de obras publicas e de seus illustres collegas.

Para que, em tal caso, o adiamento de uma necessidade, quando esse adiamento o menos que pôde trazer-nos, é o sacrificio inutil, por muito tempo ainda, do nosso desenvolvimento industrial?

Dirão, provavelmente, que as circumstancias criticas que o paiz atravessa não permitem as despesas imprescindiveis para a organização da repartição de caminhos de ferro.

Proposição fallaz e vã.

Não ha despesas productivas?

Estas o seriam e, demais, talvez nem mesmo tenha o governo de despende coisa alguma, se encarregar do serviço apontado os fiscaes das nossas differentes estradas. Conservaria delegados permanentes só nos caminhos de ferro mais distantes da capital, subordinando tambem á repartição especial os fiscaes nomeados par parte das provincias.

Na escolha do pessoal, porém, estará tudo.

Ha no paiz engenheiros de merito e de aptidão comprovada.

E', pois, de bom conselho aproveitá-os e não recorrer a mediocridades, como muitas que por ahi andam, sem poderem ao menos apresentar certidões officiaes, ou authenticas, de suas habilitações.

Muito terá a fazer a repartição de caminhos de ferro.

Longe de ser um lugar de tal centro technico propina, ou *sine cura*, como em geral são os cargos de engenheiros fiscaes, terão seus empregados de formar o plano geral de viação e de preparar as intrucções para os anteprojectos, para as concessões e para a construcção das nossas differentes linhas ferreas.

Além d'isso, consistirá mais o serviço em estudos technicos, commerciaes e contenciosõs, no exame da execução dos contractos, em tudo quanto diz respeito a garantias, subvenções, trafego, tarifas, tratados, estatutos, convenções, policia e segurança technicas, regulamentos, fornecimentos e invenções. Será ainda indispensavel a centralisação de documentos estatisticos, completando o programma sua organização e a de apontamentos estrangeiros, correspondencia diversa e publicações periodicas.

Assim ter-se-ha base segura e firme de partida.

Qualquer concessão á fazer-se será immediatamente reconhecida boa, ou má, patenteando-se logo os interesses lesados, ou auxiliados e preenchendo-se, muitas vezes mesmo, lacunas que porventura tenha o plano.

A nova lei, porém, do Sr. ministro da agricultura não attende a estas considerações, que julgamos de ingente magnitude. Prepara, contudo, nova phase que não pôde tardar a manifestar-se.

E' o moderno decreto que nos propomos á analysar, offerecendo mais tarde um projecto para o qual desde já pedimos a attenção de S. Ex.

O primeiro capitulo do ultimo decreto refere-se ao capital garantido e diz no § 1º, que será elle determinado á vista do orçamento fundado em estudos, planos, desenhos e documentos exigidos; que estas bases não poderão ser alteradas sem approvação do governo e do fiscal; e que, finalmente, o fiscal poderá fazer modificações.

Divergimos inteiramente.

Bem sabe o Sr. ministro como são feitos entre nós os estudos preliminares e definitivos sobre caminhos de ferro.

Partindo-se de reconhecimentos quasi sempre effectuados sem o devido criterio, e, por consequencia, licitícios cuja presteza de promptificação só traz economia do tempo de que dispõem os engenheiros exploradores, acontece que, em geral, a directriz da estrada projectada, deixando de amoldar-se ás linhas de superficie do terreno, de fórma a obter-se o minimo movimento de terras e a mais stricta parcimonia no tocante a obras d'arte, é ella locada com grave prejuizo de dinheiros, que sua construcção absorverá, ficando por preço elevadissimo, quando podia importar em metade, ou um terço menos.

Sem possuir, em taes condições, o governo bons fundamentos para proferir decisão, a não serem as cadernetas de campo que, pôdem ás vezes mentir, vê-se obrigado a approvar estudos, que de maneira nenhuma devem ter pretensões a definitivos.

A' isto junta-se muitas vezes á inepecia do fiscal, que, nada aconselhando para a melhor direcção da estrada, só busca fazer exigencias frivolas.

Está, pois, o Estado contribuindo para seu proprio desproveito.

Não é o que todos os dias vemos? Não é o que ainda ha pouco demonstraram as commissões encarregadas da construcção de tres importantes estradas, despresando os estudos anteriormente apresentados? De quem a razão; como obviar á essas duvidas e inconveniencias? Eis o ponto difficil da questão.

De um lado a companhia, ou empresa, interessada em empregar pessoal de sua inteira confiança; de outro o governo, apenas com um fiscal, zelando os cofres publicos.

Como resolver,—vamos dizêl-o.

Em qualquer empresa de caminho de ferro de capital garantido, ou subvencionado, duas são as partes contractantes e legitimamente interessa-

das;—a companhia que vai leval-o á effeito e o Estado que para isso tambem concorre com os dinheiros da nação.

Dar, portanto, plena e completa liberdade a uma das partes contractantes é, *ipso facto*, cooperar para o desprestigio da autonomia da outra, enfraquecendo-a nos meis de fiscalisação de seus interesses, tão dignos de respeito, como os da primeira.

Logo as commissões de estudos de uma estrada de ferro devem ser compostas de pessoal de confiança da empresa e do governo, fiscalizando este a marcha das operações do traçado, de accordo com os interesses publicos e regras da sciencia. Assim, pois, tendo o governo tres engenheiros em todas as estradas de ferro subvencionadas ou garantidas, empregados que não se limitarão, como hoje fazem, a residir no lugar, mas que ao contrario contribuirão com todas as forças para o mesmo fim, —a excellencia do traçado,—ficarão satisfeitas as conveniencias financeiras de ambas as partes contractantes.

E, como não é justo que sobre o governo recaia a despeza feita em maior interesse da companhia, que quanto melhores estudos possuir melhores lucros tambem auferirá, e d'elles utiliza-se mais directamente, deve ser a verba carregada á conta de exploração e estudos da empresa.

No decurso, porém, da execução das obras não tem o Estado necessidade de tão grande pessoal, que voltará á repartição para d'ahi seguir para outras commissões.

Ainda uma proposição em favor do que adduzimos.

A fiscalisação de quaesquer trabalhos de engenharia não é, como pensam, em grande numero, os nossos fiscaes, — um meio de oppor obstaculos á sua realisação.

A fiscalisação é a supremacia technica, auxiliando, aconselhando e modificando, sempre que as condições de execução afastam-se dos preceitos scientificos e das prescrições administrativas do contracto.

Torna-se, como vemos, muito diversa do que praticam os nossos fiscaes, que mais parecem denodados defensores da rotina, do que apostolos do progresso.

Eis porque não é acertado confiar ao juizo de um unico homem, de incapacidade reconhecida o mais das vezes, as modificações dos estudos definitivos de nma estrada de ferro, facilitando-lhe poderes dos quaes não pôde fazer uso sério e proveitoso.

O § 2º do capitulo primeiro da lei estabelece a pena de suspensão da garantia, ou fiança, á empresa que fizer qualquer alteração no projecto definitivo, sem authorisação do governo, calculando-a este em relação ao capital empregado na alteração. E' justa a pena, tanto mais quanto o Estado facilita o recurso de approvação.

Redundando a alteração em economia, deduz o Estado do capital garantido metade do que se houver poupado.

Tal modo de proceder parece-nos equitativo.

O segundo capitulo do decreto regularisa o modo de tornar effectiva a garantia, ou fiança.

Não somos apologista da garantia de juros.

Já o temos por vezes dito em artigos e em opusculos.

E' preciso que se note que a garantia de juros sobre o capital de uma estrada de ferro está no trafego provavel que ella pôde ter.

Garantir juros a estrada que vai dar prejuizo é inadmissivel no estado em que nos achamos e garantil-os a uma que vai dar vantagem é crear embaraços que bem podiam ser dispensados.

A garantia de juros deve ser a sanção governamental sobre o projecto, declarando si elle está em condições de ser executado, si os dados do prospecto são reaes. si emfim a empresa tem valôr, si não passa de simples phantasia.

Com o augmento da industria de um paiz lucra seu erario publico.

Si, pois, multiplicam-se os estabelecimentos ruraes e agricolas; si se desenvolve a industria fabril e manufactureira; progride tambem a commercial, e todas trazem robusto contingente de augmento as rendas publicas. Ahi está, portanto, o Estado, como corpo colectivo, usufruindo proveitos que os individuos tambem recolhem.

Coparticipando das riquezas particulares tem, por conseguinte, rigorosa obrigação de auxiliar os esforços privados.

Eis o que nos faz acreditar que muito melhor do que a garantia é a subvenção governamental.

Adiantamento de fundos pagaveis em um certo numero de annos e proporcionaes á importancia futura das empresas, com amortisação rasoavel, ou convertivel em capital realisado, ou acções, torna-se a subvenção de poderoso concurso.

Trata-se, porém, no decreto da garantia.

A parte que se reporta ao modo de tornal-a effectiva, cumpre confossal-o, foi bem estudada e revela muito em favor do Sr. ministro e dos que o coadjuvaram.

Além da fiança, ou garantia, concede mais o Estado diversos favores previstos no capitulo terceiro, taes como—zonas lateraes privilegiadas de 20 kilometros, cessão de terrenos devolutos, sesmeiros e posseiros, direito de desappropriação, uso de madeiras e materiaes do Estado, isenção de direitos de importação, e durante vinte annos, para o combustivel, preferencia para explorar minas e para a aquisição de terrenos devolutos destinados a colonias.

São na realidade promessas sinceras de um governo que comprehende as difficuldades com que luctamos em materia de meios de transporte.

Não nos parece todavia muito rasoavel a zona lateral de 20 kilometros.

Casos pôde haver em que 20 kilometros sejam demais e outros em que sejam insufficientes.

Em um terreno muito fertil, em um municipio de grande lavoura, como o de Valença da provincia do Rio de Janeiro, que comporta tres ou mais estradas de farro, essa zona não teria razão de ser, no entanto que, em outros pontos do Brazil seria até mesmo escassa.

A zona privilegiada é ainda uma consequencia do plano de viação.

— As causas de caducidade do privilegio, da fiança e da garantia formam o quarto capitulo.

O quinto occupa-se do trafego, que deverá ser feito com segurança e regularidade, de accordo com os regulamentos approvados, e sem interrupção, quando não justificada.

Do trem rodante é o sexto capitulo.

Diz o decreto:—«O trem rodante compôr-se-ha de locomotivas, alimentadores (*tenders*), de carros de 1ª e de 2ª classe para passageiros, cargas, etc.

«As companhias deverão fornecer o trem rodante, proporcional a extensão de cada uma das secções e, se o trafego exigir, á juizo do fiscal, maior numero de locomotivas, carros e *wagons*, que proporcionalmente cabiam a uma, ou mais secção, dentro do praso de seis mezes, incorrendo no caso contrerio em multas, até que o governo o mande fornecer.»

Eis uma clausula que não pôde passar despercebida.

Em primeiro lugar faz-se depender da extensão da estrada o seu material rodante e de tracção.

Suppõe-se que quanto mais comprida é uma estrada mais material deve ter.

Engano.

O material rodante e de tracção, em todos os tempos, foi sempre, como tudo em uma estrada de ferro, dependente do trafego.

Do trafego provavel são consequencias todos os elementos do plano da um caminho de ferro.

D'elle, portanto, é funcção o material rodante, sendo a extensão da estrada apenas um modificador do tempo em que pôde ir e vir, assim como tambem são modificadores de suas qualidades as rampas e as curvas.

Fazer, portanto, esperar seis mezes por material que devêra ter sido adquirido, attendendo-se ás condições do trafego provavel da estrada, é iniquidade para com as populações que exportam e importam pelo caminho de ferre construido.

Fica bem patente, pois, que o governo concede empresas, cujo trafego provavel ignora, o que por fórma alguma não se pôde admittir, sem deixar entrever aos estrangeiros, sobretudo, ignorancia que não nos assenta bem.

Não achamos de boa inspiração semelhante clausula.

(Continúa).

Denominações de algumas localidades em lingua tupi

Nunca é trabalho perdido a repetição do que disseram os grandes mestres. O tempo tudo corróe e transforma, mesmo algumas verdades, que servem á indagação ou ao descobrimento de outras; é mister, pois, reproduzir as paginas, que, como pingue herança, legaram-nos os bemfeitores da humanidade para, quanto seja possível, espaçar-se a época do olvido.

O livro scientifico, isto é, de linguistica, intitulado—*Glosaria linguarum brasiliensium*, do Dr. Carlos de Martius, de saudosa memoria e lisongeiramente conhecido no Brazil, pôde, passando pelo cadinho da critica, não ser considerado um monumento, mas seu merito não é contestavel.

Diz-nos o laborioso naturalista no prologo d'esse *Glosaria* que, durante quarenta annos, viveu em contacto com os indigenas; parece que esta circumstancia, por si só, é sufficiente para crer-se consciencioso tal estudo.

Transcrevemos, com algumas modificações, o que segue-se.

ABAETÉ,—homem abalisado: aldeia do Pará e rio de Minas-Geraes; *aba*—homem, *eté*—abalizado.

ABIAHY OU ABIAHI ou ainda АБИЯИИ,—agua das agulhas; lagõa da Parahyba do Norte; *hy*—agua, *abi*—agulhas da fructa *abia*.

ABUNA,—homem preto: morro e rio do Alto Amazonas; *aba*—homem, *una*—escuro, preto.

ACALÁ,—montanha cornuda, ou tambem, saudavel: morro da provincia do Rio de Janeiro; *aia*—montanha, *caia*—de fórma de chifre, ou tambem, saudavel.

ACANGUSSU,—cabeça grande: povoação do Paraguay; *acanga*—cabeça, *assu* ou *açu*—grande.

ACARAHY,—agua do peixe acará: rio da Bahia; *hy*—agua, *acara*—peixe do mesmo nome.

ACARAPÉ,—caminho do peixe acará: aldeia do Ceará; *pé*—caminho, *acara*—peixe do mesmo nome.

ACARI,—o mesmo que ACARAHY, por contracção:—freguezia do Rio Grande do Norte.

ACAPÉ,—lugar de esperar a maré: ribeiro em uma praia da Bahia; *accuy*—esperar, *pé*—caminho.

AGURI, —contractão de Aricuri, —palmeira *Cocus capitata*: freguezia de Minas Geraes.

ACURUA, —por corrupção AGURUÁ, —cume da concha: serra da Bahia; *aca*—chifre, *urna*—concha.

AGUAPEHY, AGUAPE ou GUAPI: agua de *aguapé* ou tambem, —cu reconheço o caminho da agua:—rio da provincia do Rio de Janeiro, rio e serra de Mato-Grosso; *hy*—agua, *aguapé*—de plantas d'esse nome, ou tambem, *a*—cu, *coaub* —reconheço, *pé*—o caminho, *hy*—da agua.

AJURUOCA, —casa de papagaios: villa de Minas Geraes; *ajuru*—papagaio, *oca*—casa.

AMAMBAHY, —agua onde encontra-se a arvore *Cecropia* de nome *Ambay* ou *Ambaiba*: rio de Mato Grosso; *amamba*, corrupção de *Ambaiba*, —arvore d'este nome, *hy*—agua.

AMUCU, —este mucu: lagôa do Pará; *a*—o demonstrativo—este, —*mucu*—peixe d'este nome.

ANAJATUBA, INAJATUBA ou INAJATYBA, —lugar de palmeiras anajá: rio do Maranhão; *tyba*, *tuba* ou *tiva*—lugar, *anaja*—palmeira do mesmo nome.

ANAPU, UANAPU, GUANAPU ou OANAPU, —eis um pé de ananaz; rio do Pará; *a*, *ua*, *gua*, *oa*—particulas demonstrativas, *anana* ou *nana*—planta do ananaz.

ANAPURU, —lugar fertil: S. Bernardo do Brejo no Maranhão; contractão de *anama*—*puru*, —bastante empresta.

ANDALÁ, —da palmeira desse nome, tambem chamada *Indaiá*: rio e freguezia de Minas-Geraes.

ANDARAHY, corrupção de ANDIRAHY, —rio dos morecos: arrabalde da cidade do Rio de Janeiro e ribeiro da Bahia; *andira*—morego, *hy*—agua.

ANHANGAHY, —agua dos espectros: rio do Paraguay; *anhanga*—espectro, diabo, phantasma, *hy*—agua.

ANHANDUHY-ASSU, o mesmo que o precedent, acrescentando *assu*—grande: rio de Mato-Grosso.

ANHANDUHY-MIRIM, idem, *mirim*—pequeno; cachoeira do rio Pardo.

ANHANGAPY, —terra do diabo: povoação do Pará; *anhanga*—diabo, *ypy*—terra.

ANHANGATYNY, agoa de aspecto diabolico: rio do Pará; *anhanga*—diabo, *tim*—nariz, face, *hy*—agoa.

ANHAUMIRIM, por corrupção INHOMIRIM, campo pequeno: povoação e rio da provincia do Rio de Janeiro; *anhau*—campo, *mirim*—pequeno.

ANHONHECANHUA, que desaparece de outro lado da terra: o rio Sumidouro em Minas Geraes; por corrupção da palavra composta das seguintes:—*anvi*—de outra banda, *canheme*—desaparecer, *yby*—terra.

ANHUMAS, corrupção de INHUMAS—ave d'este nome, a *Palamedea corauta*; cachoeira do rio Cochim em Matto-Grosso.

APIAHY, contractão de APIABA—HY, agoa frequentada por homens: rio de S. Paulo.

APIAPUTANGA, lugar plantado de pitangueiras: rio dos Reis Magos no Espirito-Santo; palavra corrompida da composição de *apycá* estar assentado, collocado e *pitanga*—arbusto que dá o fructo do mesmo nome.

APOCARANÁ ou APUCURUNÁ,—arranha mãos: montanha aurifera de S. Paulo; *po*—mão, *caranhá*—arranhar.

APORÁ,—aqui ha gente: serra e freguezia da Bahia; *a*—demonstrativo, *porá*—habitante.

ARAÇABATUBA—, lugar de araçaeiros, em Santa Catharina: *araça*—fructa d'esse nome, *iba*—arvore, *tuba*—lugar.

ARAÇAIBA, semelhantemente, ilha da provincia do Rio de Janeiro.

ARACAJU, nascem cajueiros; capital de Sergipe: *ar*—nascer, *caju* fructa d'esse nome.

ARACATI,—tempo bom, commodo ou certo: rio, montanhas e cidade do Ceará; *ara*—tempo, *catu*—bom.

ARACATIBA, lugar de bom tempo: povoação do Espirito-Santo, como acima, addicionando-se *tiba*—lugar.

ARAÇATIBA OU ARAÇATUBA, semelhantemente, em Santa Catharina, como ARAÇAIBA.

ARAÇOIABA, ARAÇOYAYA, GUARAÇOJAYA, QUIARAÇOYAVA e BIRAÇOYAVA, morro que o sol cobre: montanha de S. Paulo; *coaracy*—sol, *jaçuiaba*—cobre.

ARAÇUAHY, rio do Sol: em Minas Geraes; *coaracy* sol, *hy*—agua.

ARAGUAIA, tempo dos caranguejos, isto é, visitado n'essa época: rio de Matto-Grosso e de Goyaz; *ara*—tempo, *guaiá* caranguejo.

ARAGUARI,—agua visitada no tempo do ibis—*guará*: rio do Pará; *ara*—tempo, *guará*—ave do mesmo nome.

(Continúa).

Apontamentos sobre a Franco-maçonaria, ou associação de pedreiros livres

E' incerta a origem da maçonaria, ou associação de pedreiros livres. Perde-se ella em completa obscuridade.

Os factos historicos pouco adiantam.

Seja, porém, oriunda do Egypto, ou da Grecia; seja creada quando edificava-se o templo de Salomão, entregue aos cuidados do architecto Hiram; seja derivada das antigas ordens dos Templarios, dos Francos Juizes e dos Roza-Cruz; seja organizada na Lombardia no seculo 8º. por pedreiros livres que d'essa epocha em diante percorreram a Europa, construindo em paizes diversos, basilicas, templos e cathedraes, de stylos admiraveis; o certo é

que a maçonaria revela-se instituição util, poderosa, cheia de prestigio e de valor, atravessando os seculos e apresentando-se ainda hoje a nossos olhos envolvida em mysterios.

Já no 10.º seculo constituia corporação pujante de vitalidade. Presidia-a Edwin, irmão do rei Athelstan. Em 1277 erguia, sob a direcção de Erwin e de Steinback, a cathedral de Strasburgo, primor de arte gothica, e possuía, unica, os segredos da architectura.

Chegára mesmo a obter de varios imperadores e papas privilegios que só desappareceram mais tarde, quando a sciencia architectonica, cahindo no dominio publico, trouxe á associação de pedreiros livres a perda de seu character especial.

Eis porque introduziram-se na maçonaria pessoas de todas as classes e sobretudo nobres.

Por pouco não chegou ella a tornar-se puramente aristocratica na Inglaterra.

Participaram de seu gremio todos os lords.

Mais tarde, em 1502, um rei de Inglaterra, Henrique 7.º patrocinava-a com fervor e fundava em seu proprio palacio um nucleo, ou loja.

Acolhida ardentemente pelos inglezes, só poudo, no emtanto, penetrar em França a maçonaria, cercada do brilho e das garantias que entre elles tinha, no anno de 1717, com a fundação da loja Amizade e Fraternidade, em Dunquerque.

D'ahi espalhou-se por toda a parte, acompanhando assim o espirito de progresso e de liberdade do seculo 18.º.

Instituição philosophica e philantropica, quer a maçonaria o aperfeiçoamento moral e material da humanidade, congregando os que d'ella fazem parte. Para isso serve-se de certos symbolos e caracteres particulares.

Aggrupando os racionalistas e garantindo-lhes o exercicio de seus direitos e deveres de verdadeiro altruismo, professa a associação de pedreiros livres a liberdade, a tolerancia e a fraternidade.

Solidarios são os maçons no exercicio da beneficencia e na pratica de todas as virtudes, e verdadeiros irmãos, como elles proprios denominan-se uns aos outros, attribuem a criação do universo ao GRANDE ARCHITECTO, não syndicando nunca da côr politica, da religião, das nacionalidades e das distincções sociaes de seus membros.

A totalidade dos mundos, em sua organização e existencia physica e moral, representada por engenhosa imagem de grande templo, formou a esplendida corôa das allegorias maçônicas, emanadas da arte de edificar e contribuindo todas para um mesmo fim.

Avulta ainda entre os maçons, como emblema de ideia inteiramente moral, a lenda do templo de Salomão, levantado por Hiram, que succumbira as paixões de odio de trez mãos companheiros, que d'elle queriam arrancar os segredos da architectura.

Reunem-se os maçons para seus trabalhos em *lojas*, ou *offcinas*, presididas por *veneraveis*.

A estes coadjuvam os *vigilantes*. O *orador*, representante da legisla-

ção maçonica é o fiscal do cumprimento de deveres dos membros das officinas, compostas de *operarios* dos trez grãos;— *aprendiz*, *companheiro* e *mestre*, salvo em casos especiaes de cada grão. Os debates são consignados em actas lavradas em livros especiaes pelos *secretarios*.

O pessoal administrativo das lojas constitue as *dignidades* de cada uma. A congregação de todas as lojas chama-se *grande oriente*, ao qual está sempre junto o *supremo conselho*.

O grande oriente tem um *grão mestre* e o supremo conselho obedece ao *grão commendador*, ao qual segue-se, em cathegoria immediata, o *lugar tenente grão commendador*.

Este conselho é verdadeira olygarchia enquanto que o grande oriente é de regimem democratico, ou republicano.

A maçonaria tem diversos *ritos*, que, nem por isso, deixam de convergir para o mesmo objecto.

Assim, o rito francez, que comprehende, além dos trez grãos fundamentaes, mais os de *eleito*, *escossez*, *cavalleiro do oriente* e *rosa-cruz*, tem a mesma aspiração ideologica que o rito escossez, o qual, ainda sobre esses grãos, correspondendo a rosa-cruz o do soberano principe, eleva seo numero a 33, ou grande inspector geral, ultima gradação da hierarchia maçonica.

A assemblêa de principes rosa-cruz forma capitulo; a dos kadoschs conselho; a dos graduados com 31 tribunal; a dos de 32 consistorio; a dos grandes inspectores geraes supremo conselho: mas no mundo inteiro só tem legitimidade e accitação geral os trez grãos primordiaes e o *real archivo*, complemento da maestria, reconhecidos pela maçonaria ingleza.

« *Pure ancient masonry consists of three degrees, and no more.* »

E' tambem á Inglaterra que devemos a luz maçonica dispersa sobre o mundo em principios do seculo 18°.

Publicando os inglezes, desde 1723, livros officiaes sobre a maçonaria, deixavam bem patente que não deve haver confusão entre a franco maçonaria, de influxo philosophico, maçonaria perfeitamente especulativa e a maçonaria operativa, base fundamental das sociedades de empreiteiros e de pedreiros livres britannicos e germanicos.

Ainda mais, transmittem-nos os inglezes a conservação dos rituaes que determinam a iniciação sem nenhuma prova physica.

A lenda do templo de Salomão não passa hoje de allegoria moral, deixando, portanto, de ser um facto historico reconhecido, assim como tambem deixa de sel-o a tradição do templo de Jerusalem, destruido pelos musulmanos, e a dos Templarios. Não devemos, pois, ir buscar a fundação da maçonaria á antiguidade pagã, tempos de recordações ficticias, ou mesmo á completa abstracção da idade média.

Só chronicas realmente positivas podem indicar-nos o ponto de partida da maçonaria, tal como é ella ainda hoje.

Seguindo de perto a historia da maçonaria operativa na Inglaterra, conjuncto de confrarias de *free-masons*, pedreiros livres, ou francos, sociedades ás quaes devemos as cathedraes de Colonia, de Strasburgo e de S.

Paulo de Londres, vemos estas associações protegidas pelos maiores personagens, taes como o duque de Buckingham e o conde de Arlington.

D'estes fôra deputado o architecto Christovão Wren, mais tarde tambem grão mestre da ordem.

Taes corporações não puderam contudo conservar-se por mais tempo e tiveram de decahir.

Apezar da iniciação do rei Guilherme em 1695, presidindo aos trabalhos de uma loja em *Hampton-Court*, durante a construcção da parte moderna de seu palacio, as officinas foram extinguindo-se pouco a pouco e Wren, alquebrado ao peso dos annos e das enfermidades, não tardou muito em desprezar seus deveres maçonicos.

A officina de S. Paulo de Londres, reconhecendo, então, que a decadencia caminhava a passos agigantados, derogou em 1717 os privilegios dos operarios maçons e abriu suas portas a profanos de todas as classes que em seus mysterios quizessem iniciar-se.

Começa, pois, como diz Preston, a epocha de renascença da maçonaria, que de operativa passa a philosophica, attrahindo a colera da Santa Sé e derramando-se pelo continente europeu. A maçonaria speculativa soffreo logo alterações.

Composta primitivamente de trez grãos, dividiu-se em 1739 em dous ritos — antigo, ou accéito e moderno.

Estes dominavam na arte; aquelles na sciencia; e para melhor realisação de seus pensamentos creavam os antigos pedreiros livres mais quatro grãos.

A grande loja de Londres imitava assim o que já a França havia feito em 1728, com a adopção do systema Ramsay que tambem ajuntara ao ritual antigo mais quatro grãos.

Em 1743 instituiram em Lyon o *Kadosch templario*. Já a Allemanha havia erigido em systema o regimen da stricta observancia. Procuravam-se as riquezas dos templarios e levantava-se uma nova cavallaria.

Estas idéias não prevaleceram e o Kadosch actual é apenas um grão maçonnico e não o deploravel templario Kadosch, representando a cavallaria a vingar Jacques Molay nos descendentes de Clemente 5º e de Philippe o Bello.

As differentes evoluções que caracterizam o aperfeiçoamento moral da humanidade, evoluções que muitas vezes, longe de demonstrarem, á primeira vista, progresso, desfraldam ao juizo do philosopho, quadros de incontestaveis aberrações, tocaram sempre de perto, ou de longe, a maçonaria.

Assim foi que o illuminismo penetrou nas officinas maçonicas da Allemanha, convertendo-as em partido politico.

A França não escapou tambem ás doutrinas dos illuminados.

Eleitos coëns, (*) e os Philatethas, indagadores da verdade, fundaram

(*) Do hebraico KHN, sacerdote.

suas celebres escolas de character sacerdotal, mystico, cabalístico e alchimico.

O magnetismo, ou mesmerismo, abrigára-se tambem nos humbraes maçonicos, verdade é que por pouco tempo; do mesmo modo como se havia feito ás doutrinas de Cagliostro, que, pregando a emancipação da mulher, reduzira a maçonaria, a amalgama religioso, cabalístico, industrial e amoroso, com o seu rito egypciaco.

Felizmente, e honra para a maçonaria, taes scenas repugnantes nunca foram acceitas; e, antes firmemente combatidas, não mais repetiram-se.

A maçonaria não escapou tambem aos jesuitas.

Aproveitando-se da brecha de entrada, que lhes franqueava o grão de rosa-cruz, commemorando as scenas da paixão de Jesus-Christo e tomando por divisa a Fê, a Esperança e a Caridade, conheceram, sem esforço, que ella não se prestaria nunca aos seus intuitos; e d'ahi os incessantes ataques com que a hostilisaram.

Os rituaes maçonicos continuaram a vigorar, do modo pelo qual foram ampliados, até que em 1840 o irmão Marconis de Negre produzisse o rito de Memphis, tendo noventa e cinco grãos. Este fructo da imaginação de Negre não mereceu as sympathias do mundo maçónico e parece ter cahido em olvido, pelo menos, na maior parte dos paizes do mundo.

São estes os principaes factos da historia da maçonaria, antes do seu desenvolvimento e progresso até ao estado em que hoje se acha.

Um discipulo de Allan-Kardec

Segue-se o que referio-me um personagem, occupando hoje eminente posição social. Vai tudo por sua conta e risco; é elle quem falla, apenas accrescentarei um epilogo.

Andam por abi a dizer os positivistas, esses ultraliberaes, confessos anarchistas, disfarçados carbonarios da imprensa e da tribuna que, sobre este mundo de Deus, só se deve aceitar como real o que fôr provado mathematicamente,

Nada de imaginario, nada de supposições, dizem elles; queremos ver com os olhos da carne e depois com os da razão; convencei-nos de modo tal que não possa haver a menor controversia no que affirmaes: isto será verdade, tudo o mais é filagranna. Apregôam:—nosso methodo só admitta o abstracto dependendo do concreto; o espirito, a alma, o cerebro

não pôde produzir phenomenos sem o previo conhecimento do que está sujeito ao dominio dos sentidos. Continuam exemplificando: habil pintor, ou, como chamariam os theologos, — inspirado genio — representa sobre a tela qualquer phantasia, — o typo de uma bella virgem em estase contemplativo; soberbo guerreiro que aspira a sanha dos combates; variada pay-sagem de frondoso bosque protegendo crystallino corrego; e perguntam, figura-se ahi algum objecto que já não vistes, que anteriormente já não conheceis por sua structura? Pôde, pois, o cerebro formar combinações até o infinito, porém, nada crêa sem o auxilio recebido do exterior, do mundo real, por intermedio dos sentidos. Assim, o methaphysico dos espiritalistas nenhuma verdade pôde descobrir visto que só discute phenomenos imaginarios.

Estive por muito tempo imbuido na doutrina destes S. Thomé do se-culo XIX; porém, como o santo apóstolo vi e fui obrigado a crer o contrario exactamente do que elles, os positivistas, pregam.

Vou contar o caso como o caso foi.

Um medico, pessoa aliás muito séria, ouviu-me um dia discorrer sobre as leis fataes que regem a materia, sustentar com o calor de arraigada convicção que só a progressiva marcha da sciencia poderia libertar o homem dos numerosos males que o affligem. Quando terminei o entusiastico discurso, percebi que o doutor me observava pezaroso e até que tingia-lhe os labios um sorriso amarello. Offendido com aquelle manifesto desprezo a minha opinião, pedi-lhe dêsse a sua sobre o assumpto. Depois de um suspiro e de levantar os olhos ao tecto, pronunciou elle pausadamente e aban-dando a cabeça esta sentença:

— *Sit credibilis et salus eris!*

Era evidente que o doutor não concordava com os fundamentos de minha propaganda; e digo *propaganda*, porque com vehemencia, mesmo com fanatismo, angariava eu adeptos para a escola, não — para a igreja positivista.

Ententei provocar discussão e, devo dizel-o, sobrava-me orgulho para acreditar que deveria ser esmagado meu adversario.

— Doutor! exclamei, quando a evidencia se patenteia pelo estudo directo dos phenomenos da natureza, só os nescios ou os hypocritas explicam o progresso pela interferencia de seres sobrenaturaes!

Conteve-me o medico com um gesto imperativo e emprazou-me depois a procural-o no seu consultorio.

Lá fui eu no dia e á hora marcada.

Ao receber-me, notei que tinha o doutor o semblante afadigado, olhos fundos, pallidez, cabello e barba em desordem; enfretanto, indicou-me com placida cortezia uma cadeira, sentou-se em outra, e disse:

— Agradeço-lhe a visita, julguei que me tivesse esquecido; peço-lhe desculpa por me ter enganado.

— Doutor, respondi, sou curioso e gosto de aprender.

O homem levantou-se, foi á janella, medio a sala a largos passos, e parando perguntou-me subito:

- O Sr. é circumspecto?
- Quando é preciso.
- E' observador?
- Quando o assumpto exige-o.
- Conhece Aristoteles?

— Conheço, até muito, é um dos percursores de Augusto Comte, o primeiro operario da *phylosophia positiva*.

— Nunca fallou-lhe?

— Que anachronismo! As moleculas corporeas do illustre sabio já formaram depois de sua morte, talvez, milhares de seres! Conheço-o por seus escriptos.

— O que temos nós com essas miseraveis moleculas? Tracta-se da substancia immaterial. Aristoteles tem perpassado, como o senhor acaba de dizer, quicá milhares de vezes por este planeta, não pela substituição dos atomos, mas em espirito. O verdadeiro sabio, o mestre de Alexandre da Macedonia, o illustre professor grego habita hoje, quem sabe? Saturno, Jupiter ou Urano! Invocando-o, elle se me tem revelado quando outros mais dignos não o chamam algures. Aristoteles!... Eu não sou um *medium* vidente, nunca o vi, mas escuto-o; aquelle phrascado fecundo e attico segredou-me já estupendas verdades; foi elle quem despertou-me do somno material em que jazia immerso. Attenda: — uma noite, sim, em uma noite de insomnia, calida, sob um céu prenhe de electricidade ou de espiritos, uns maleficos, outros ternos, verdadeiros anjos; ouvi o *phylosopho* grego, o genio inspirado, o filho de Deus!

— « O que queres, o que pretendes? Crê na methempsicose, lembra-te da tua futura incarnação, hoje és — *tu* —, o que serás amanhã? E' Aristoteles quem te falla; habito as altas espheras, mas tenho a faculdade de baixar ás inferiores. Invoca-me quando quizeres; se não estiver longe, virei amparar-te. O involuero carnal é um mero estojo da divina scintella. Coragem e crença! »

Nunca, no silencio, quando as vozes humanas estão caladas e que só se ouve os mysteriosos sons chamados da natureza, presentio o senhor o sussurrar, a principio inintelligivel, depois mais definido e finalmente preciso da confidencia dos espiritos? Os espiritos, sublimes agentes do Todo Poderoso! — São elles os vehiculos para a Bemaventurança; nossos serios amigos e tambem nossos serios inimigos. Ha-os brincalhões, obsedentes e protectores; de seus bons ou maus qualificativos provem a boa ou má estrella de cada um, sua felicidade ou desgraça. Sem duvida, existe o livro arbitrio, mas a sobrenatural intervenção dos seres inviziveis, que sempre commosco se acham em contacto, modificam, alteram, transtornam nossos actos, mesmo os vulgares. O crepitar do pavio de uma lamparina, o estalido de qualquer taboa do forro, os passos precipitados do rato que atravessa um corredor, o canto do grillo na gramma do jardim, os açoites da ventania na ramagem do arvoredo, — são acusticos discursos das ethereas entidades! Elles aqui estão, sempre commosco. A uns é dado ouvil-os, a outros vel-os e até alguns local-os!

O homem calou-se para tomar folego; eu murmurei:

— Onde irá isto parar?

— Chateaubriand, continuou elle, na sua lyrica concepção, o *Genio do Christianismo*, quasi que comprovou os segredos *spirita*; percorrendo-se aquellas eloquentes paginas, percebe-se que as vozes da natureza trahem as dos espiritos protectores. A brisa que chora, a onda que soluça e outras tantas figuras de linguagem assaz provam que, como S. Agostinho, o distincto escriptor obedeceu a seus anjos da guarda. A *Revelação*, sagrada palavra da moderna idade, entretanto, de antiquissima data, desses tempos que a historia denomina—*mythologicos*—; a *Revelação* é continua. Rigorosamente, cada homem é um Christo e a nossa vida inteira pôde comparar-se com muita propriedade a um horto: o monte das Oliveiras é, allegoricamente, o silencio, o isolamento, a solidão. Quando se está só, não se o está inteiramente; só—está o individuo ou alma que expia erros ou crimes. Em torno de nós adejam fides interpretes do bom ou do mau genio. O livre arbitrio, a volição do espirito encarnado inclina-se a obdecer a estes ou aquelles: d'ahi nossa felicidade ou desgraça.

— Senhor! exclamei indignado, isto é a superstição no seu auge!

— A superstição!... Vejamos:—não depende o meu amigo, no tracto quotidiano da vida actual, da vontade, das tendencias, dos interesses daquelles que o cercam, que lhe estão ligados pelas relações sociaes mais proxima ou remotamente? Por ventura os actos que pratica reflectem sempre seus desejos? Não.

Os alheios, das diversas pessoas que frequenta, cujas aspirações, dependentes do Sr. e correlativas, sim ou não amistosas, trazem-lhe o mal ou o bem. Estudada a cousa sob o aspecto *spirita*, o resultado é o mesmo. Segundo a sua phylosophia, o que vemos, ouvimos e tocamos, constitue o concreto; taes seres são factores, o abstracto é um producto. Segundo a minha crença apparece a categoria dos abstractos, com as mesmas propriedades dos concretos. A superioridade da minha, sobre a sua sciencia é facil de resumir-se:—o Sr. só conhece a materia, eu conheço e determino a força. Demais...

— Protesto! interrompi com força, preciso explicar-me, aniquillal-o com meus argumentos!...

— Perdão! replicou com doçura o Dr., o seu methodo não exclue a experiencia...

— Aceita-a e sempre.

— Basta! exclamou o homem entusiasmado.

Depois abriu uma gaveta, tirou e entregou-me um cartão, cujo conteúdo reproduzo com tanta fidelidade quanta possível.

SESSÃO SPIRITA

Nós, abaixo assignado, usando do nome que deram-nos na encar-

nação actual, apresentamos aos sublimes seres das altas esferas o iniciado F.

O Sr. C. dê-lhe entrada na sala das invocações no dia... do mez de..., do anno... (Assignado) B.

Nunca me esquecerei do aspecto imponente daquella reunião ; senti-me lá outro que não era eu mesmo. Como descrever o apparato, a ornamentação da sala em que me fizeram entrar, se o espectáculo era extranho, sem duvida sobrenatural?

Tudo transpirava solemnidade e magia ! Figuras vivas que pareciam-se com estampas colladas ás paredes : cabeças humanas que assemelhavam-se ás de certas aves ou ás de quadrupedes ; no chão, sobre o tapete que cobria o assoalho, multiplas projecções cujos contornos se baralhavam e cambiavam de maliz ; no tecto, identico aspecto ; dir-se-hia que caprichoso o prisma derramava fugaz as suas côres. Tudo isto causava-me impressão profunda, mas era ainda dominado pela duvida. Foi-me preciso experimentar phenomenos até então desconhecidos para declarar-me *spirita* na completa significação do termo. Extatico, perplexo intentava analysar os objectos presentes, quando sobre minha mão direita senti o contacto de outra, que lh'apertava nervosa e algida. Instinctivamente procurei ver em redor de quem provinha este inequivoco comprimento ; entretanto, achava-me isolado em um dos angulos do salão ; ninguem passava junto a mim e a pessoa mais proxima estava a distancia de tres metros, talvez !

(Continúa).

Uma orgia sacerdotal no pagode de Kandah-Swandy

Agita-se actualmente uma muito séria e transcendente questão, — a da origem das raças.

Como estrenuo, e talvez primeiro paladino, apparece o Sr. Luiz Jacoliot, magistrado francez em Pondichéry, celebre ethnographo, consummado orientalista e sobretudo afferrado cultor das linguas indianas modernas e do sanscrito.

De um de seus mais notaveis livros extractamos as seguintes paginas, que dão sufficiente ideia do bello estylo e dos interessantes estudos de tão illustrado escriptor.

Traduzindo esse episodio, aos criticos severos, que porventura enxergarem em tal narração alguma licença, á vista do realismo dos quadros e mesmo do objecto de que se occupa o author, pedimos venia para publical-o.

Durante nossa prolongada residencia na India, graças á obsequiosa intervenção de um rico negociante malabar, pudemos um dia assistir, secretamente, de um escondrijo do pagode de Kandah-Swany, á grande festa de Maio, do *lingam*, cuja descripção vamos extrahir de nossas *Notas de Viagem*. Nada melhor póde dar ideia do que porventura foi, outr'ora, o culto ithyphallico do Egypto, da Grecia e da Italia; porque a India hodierna ainda é a India de seis mil annos passados,—os mesmos deuses, os mesmos templos, os mesmos cultos, as mesmas cerimoniaes.

Champleury censura os historiadores pornão terem explicado o symbolismo dos apparelhos genitaeas, que se encontram esculpidos sobre os templos antigos e sobre as cathedraes da idade media.

Vamos erguer uma ponta do véo.

Eis essa passagem extrahida de nossa viagem a Ceylão, e que reproduzimos, sem omittir uma só phrase, tal qual a escrevemos, depois da sahida do pagode de Kandah-Swany, impressionado por emoções assaz diversas.

Approximava-se a época de minha retirada de Jaffenpatam.

Uma tarde recolhia-me ao *Bellati-bengalow*, (residencia dos estrangeiros,) quando um *tehocra*, empregado do *Babú* (indigena importante,) chamado Suprayachetty, chegou, trazendo-me uma carta de seu amo que muito me preoccupou e que traduzo textualmente aqui, para dar ideia do estylo epistolar dos Indus.

« Ao Sr. *Franguy*, (francez).

« *Assirvadham*, (que Deus te abençoe). »

« Ao Sr. estrangeiro que móra em Bellati-Bengalow, a quem ornamos todas as virtudes, que possui perfeito conhecimento de todas as cousas, que, pelo brilho de suas qualidades, resplende como o sol e do qual a reputação de sabedoria enche o mundo inteiro!

« Eu, humilde servo e escravo, Suprayachetty, filho de Nayaranchetty, da casta *commuty*,

« Achando-me a conveniente distancia, postas as mãos, os olhos baixos, cabeça inclinada, nesta humilde posição: que se digne elle lançar os olhos sobre aquelle que nada é na sua presença; depois de obtida a sua permissão, approximando-me timorato e respeitoso, prostrando-me por terra a seus pés; faço-lhe esta humilde supplica:

« Hoje, segundo dia do mez de *Mayasei*, (Maio) o Sr. *Franguy* dignar-se-ha condescender até acceitar o convite que eu, que nada sou em redor d'elle, ousou fazer-lhe para passar esta noite com seu humilde escravo em sua casa de campo de Vannapané.

« Se Tua Senhoria dignar-se encarar com favoravel vista este convite,

será desnecessario, para dar a conhecer sua resposta a tão indigno servo, abaixar-se ao ponto de me escrever.

« Bastará, caso queira accital-a, que Tua Bondade me envie uma folha de betula, cortada na extremidade pela unha,—o que significará que minh^a supplica foi ouvida.

« Tal é minha humilde petição.

« Assirvadhham,

Babú Suprayachetty.

Depois de reler esta carta singular, muito meditei, não por causa da fórma, porque conhecia de longa data o estylo ridiculamente emphatico de que servem-se os Indus para pedirem a cousa mais simples, desde que estejam de posse da folha da palmeira e do ponteiro por meio do qual gravam as letras; porém, por causa deste convite, sem fim apparente e até mysterioso, á vista do modo pelo qual era feito.

Hesitei durante alguns momentos, pensando na resposta que daria ao *Babú*; reflectindo, porém, em definitiva, que o socio do Sr. Stewart não podia preparar-me senão uma surpresa agradável, desci da varanda para o jardim, acompanhado pelo tchoera, que observava meus movimentos, querendo adivinhar a resposta de que ia ser portador; e eu, apanhando uma folha de betula, chanfrei-lhe com a unha a ponta, entregando-lh'a sem pronunciar uma palavra.

O criadinho, —(os *tchocras* são jovens servos de doze a treze annos de idade,) —tendo guardado-a e levado a mão á testa em signal de respeito, partio correndo em direcção á casa de seu amo.

Anoitecia; ia dar ordem ao criado para servir-me o jantar, quando o ruido de uma carruagem, do lado do jardim que dava para o campo, chegou-me aos ouvidos e apoz um minuto, o *Babú* Suprayaiachetty era annunciado pelo *meti* encarregado de receber os visitantes.

— Esperava-te mais tarde, disse-lhe eu.

— A hora é boa para ir ao campo; começa a soprar a brisa do mar; estás prompto?

— Dentro de alguns minutos terei jantado e estarei ás tuas ordens.

— Deixa ahi teu jantar; mandei preparar-te um especial em Vanapané, com os melhores vinhos do teu paiz.

— Fizeste-me, pois, um convite para jantar?

— Não foi precisamente para isto que te convidei.

— Poderás então explicar-me...

— Illé!!...

A expressão de—Illé— é um *psiu!*, por tal modo energica na lingua *tamulia*, que encarei meu interlocutor com verdadeiro espanto.

Tendo pronunciado tal palavra Suprayaiachetty levou com vivacidade o dedo index aos labios, e mostrando-me Kandassamy e Amudu, meus criados indigenas, que passeavam na varanda, fez-me signal para segui-o.

Não insisti.

Dentro da carruagem, que partio a galope puxada por cavallos de raça de Singapura, voltei-me para meu companheiro e fiz-lhe um interrogatorio. Devo confessar que minha curiosidade estava em seu auge.

— Pois, bem, *Babú*, disse-lhe eu, estamos a sós; poderás explicar-me o sentido de tua carta, e o teu singular procedimento?

— Ha *saktyputja* para festejar o *linguam* esta noite no pagode de *Kandah-Swany*, e como um dia me disseste teres ardente desejo de assistir a uma destas festas, por tal maneira arranjei as cousas que poderás presenciar este espectáculo, o qual poucos europeus se podem gabar de ter visto.

Durante alguns minutos estive immerso em muda admiração. Supraya ärrisçava-se, por este acto, a ser expulso de sua casta, caso se descobrisse ter introduzido um europeu no sanctuario do pagode; ainda mais, permittindo que este assistisse a uma destas orgias brahmanicas chamadas *Saktyputjas*, as quaes occultam cuidadosamente aos profanos os sacerdotes. De tudo isto fiz-lhe confidencia.

— Nada receio, respondeu-me; sou eu este anno quem faz todas as despezas da festa e amanhã não encontrarião os chefes da casta dos *Commutys* um só brahma que viesse depôr contra mim. Além disso, um só sacerdote, entre todos, saberá que um europeu assistio a esta festa.

Ouvi muitas vezes fallar-se destes mysteriosa, ou festas nocturnas que os sacerdotes sectarios de *Siva* celebram nos reconditos subterraneos de seus templos, só delles conhecidos; festas, durante as quaes, entregam-se os mesmos, com seus iniciados de ambos os sexos, a monstruosissimos e anti-naturaes actos de devassidão. Sabia que os brahmas aproveitam-se de taes orgias para fanalisarem seus *fahirs*, deixando-lhes perceber que os prazeres, que lhes proporcionam, nada são comparados aos que lhes aguardam na vida futura, comtanto que estejam sempre promptos para supportar as mais horribes torturas em honra de seus deuses.

Qualquer, porém, que fosse o desejo de assistir a tão extranhas scenas, que pelo pensamento recordavam-me os mysterios do Egypto e da Grecia, não tinha até então podido encontrar um sacerdote que houvesse consentido, por minha causa, em violar sua fé religiosa, tornando-me testemunha de uma destas reuniões.

« — De lá não sahirias vivo, » — tinham-me sempre respondido aquelles a quem me dirigia.

Não me intimidava esta razão muito própria a aterrorisar os que não estão familiarizados com os costumes da India; e sempre concluia que não tinham confiança sufficiente na minha discrição. Effectivamente, nenhum perigo existe em ir algures na India, seja para onde fôr, amparado por um brahma; basta que elle nisso consinta.

Concebe-se que foi com singular sentimento de curiosidade e de emoção que soube poder, dentro de algumas horas, ser testemunha de uma d'estas orgias sacerdotaes, tão importantes como outras quaesquer ceremonias religiosas e cujo ritual é executado á risca como o dos outros sacrificios do culto.

Pronunciadas as palavras, que acabavamos de trocar, callou-se Suprayachetty, esperando, de conformidade com as regras da polidez indua, que retomasse eu o fio da conversação. Mas, por muito desejo que tivesse de interrogar-o, reservei para a noite as perguntas que tinha a fazer-lhe, e refocillei-me, physicamente satisfeito e intellectualmente cansado pela influencia que as noites da India sempre tiveram o privilegio de exercer sobre mim.

Nada poderia dar idéa dos attractivos d'esta natureza que se acalma, e se abranda com a brisa do mar, perfumada pelas exhalações de milhares de arvores, de cipós e de flores, a proporção que o fresco da noite substitue os calores do dia. O sandalo, o tamarineiro, as acacias roscaas, as tulipeiras de calices amarellas, os lotus azuos dos lagos, flor predilecta de Vischnu, as amathleas que se enroscam em volta das flexiveis hastes dos bambús, immiscuem suas odoriferas emanações, enquanto que de longe chega-vos, em rajadas, o cheiro mais activo dos campos de *vitivert* e das florestas de cannelleiras.

Além d'isso, a que concerto assistis !... No seio de cada flôr ha um colibri que zumbe com as azas; em cada galho, um *bengali*; uma pega indiana, e myriades de periquitinhos cyngalescicos, que morrem quando se os pretende arredar de sua ilha balsamica; todos elles entoam seus melodiosos e extravagantes cantares.

Durante a tarde inteira a plumosa familia entrega-se de coração aberto aos prazeres do canto e só muito depois do anoitecer é que, mão grado seu, cessam suas ultimas notas para entregarem-se ao somno...

Logo que a carruagem do babu parou em frente a sua casa de Vannapané, este palacete, que eu já tinha habitado em uma viagem anterior, estava illuminado *a giorno*, e tudo prompto para receber-nos.

(Continúa).

O plano de viação da provincia do Rio de Janeiro

Em luminoso e convincente relatorio, apresentado á assembléa legislativa da provincia do Rio de Janeiro por seu honrado administrador, manifesta o illustre Sr. Visconde de Prados, como necessidade urgente e palpante para o desenvolvimento da rede de transportes, a organização do plano que deve regularisar as concessões das estradas de ferro, que a provincia tenha em vista emprehender.

São innumeradas as desvantagens que ao paiz tem traido a maneira muito desacertada e irregularissima de autorisar a incorporação de taes empresas, sem indagar quaes os resultados que produzirão; si, em vez de

contribuirem para a prosperidade da industria a compromettem ; ou, ainda, si nullificando-a, não passam de commetimentos insensatos que arruinam a fortuna publica e particular, empregadas já em outras.

Cheio de confiança no seo esclarecido pensamento, adduz o sabio Sr. Visconde de Prados reflexões de alto valor e alcance sobre este assumpto, que sempre merece-nos particular cuidado em todos os nossos escriptos sobre viação ; e, insistindo em sua prestigiosa ideia, pede verba especial destinada a fazer face ás desposas, que a execução do trabalho exige.

A proposta do Sr. presidente não pôde e não deve merecer senão os mais fervorosos encomios.

Assim o julgue a assemblêa, contribuindo com intelligentes esforços para levar-se a effeito medida de tanta importancia directa e immediata em relação ao progresso industrial da provincia do Rio de Janeiro.

Dessecamento de pantanos

POÇOS ABSORVENTES

E' sabido que, em geral, os aterros não pôdem ser executados sem grande e frequentemente desacertado dispendio de quantias, que poderiam ser applicadas em trabalhos mais proveitosos, si houvera previdencia.

E disso dá prova a Hollanda.

Entre nós, porém, nada se faz,—nada mesmo se quer fazer.

Entendem que o aterro é o unico meio de deseccar terrenos alagadiços ; e não deixam a rotina.

O que acontece é que os pantanos ahí ficam, ou quando os aterram, conduzem-se com tal morosidade que, durante largo periodo, vão elles continuando a produzir suas exalações mephiticas.

Não ignoram, entretanto, os nossos engenheiros que as operações de *drainage* são de excellente efficacia.

Ha, mais de trinta annos, já Leveillé de Baulac empregava o methodo expedito de saneamento dos terrenos immersos, por meio de poços de absorpção.

Os pantanos não se formam senão em terras impermeaveis.

As camadas impermeaveis poucas vezes têm profundidade maior de 2 a 3 metros, apparecendo logo abaixo as permeaveis.

Perfurando, pois, o solo obtem-se cisternas, ou poços, cuja altura

é raro attingir mais de 3 metros; e ter-se-ha assim esgotado terrenos de outro modo imprestáveis.

Com um ligeiro revestimento de madeira, serão garantidas as paredes, servindo a terra extrahida para preservar-lhes as bordas.

Tornam-se, então, os poços magníficos sorvedouros, onde desembocam os encanamentos de manilhas de barro, que conduzem as aguas de pontos mais distantes.

Multiplicando-se o numero de cisternas, ou poços, e de conductores, em breve convertem-se os pantanos em férteis e saluberrimas planícies.

Esperar, por conseguinte, por aterros, que demasiadamente tardios, occasionam despesas, nem sempre necessarias, é desconhecer cousas elementares.

Temos adoptado, com feliz exito, o systema que aconselhamos.

Porque motivo não empregam-n'o nas emergencias que atravessamos? Digam-n'o os encarregados d'esse ramo de serviço.

Chronica politica

A 16 de Julho de 1868 o paiz inteiro estremeceo, victima de um grande choque moral, que ameaçava abalar até seus fundamentos as instituições politicas, na propria phrase, — dizem, — do finado Sr. Visconde de Itaborahy, chamado inopinadamente aos conselhos da corôa.

Uma guerra tenaz, que trazia em sobresalto todos os espiritos, a fazenda publica onerada por compromissos sempre inevitaveis em taes conjuncturas — tinham servido de pretexto á opposição para hostilizar os que desassombrados haviam accedido a governança, depois de quatorze annos de antagonismo passivo.

Senhores do poder, os estadistas de 16 de Julho limitaram-se a collocar o capitel sobre a columna de gloria que deve symbolisar a campanha do Paraguay, cujo pedestal e fuste com tanto patriotismo, afan e labor assentára e erigira o partido então decahido.

De feito; a qual cabem os sacrificios e por isso mesmo os louros d'essa luta armada, que immortalisou, ainda uma vez, o nome dos brasileiros nas regiões do Prata? A Historia responderá que a ephemera, porém patriótica situação politica, constitucionalmente inaugurada em 1863, pelos esforços de uma pleiade de notaveis oradores e publicistas, de sinceros re-

presentantes do povo, *pela victoria das urnas*; uns, que vendo rota sua bandeira, fugiam dos olygarchas que a desfraldavam em tiras, outros, que haviam recebido desde o berço a santa educação, os principios que forçam o filho da America a acompanhar sempre o estandarte da democracia.

Tristes e pungentes vicissitudes originadas pelas defficientes leis que regem os codigos das nações e que retardam o progresso da Humanidade! A valiosa cohorte de bravos que um partido, por sua crença nos destinos da nação e confiando em sua propria força, tinha por milhares enviado aos campos da batalha, teve de congratular-se em seu regresso com um novo governo, representando idéas bem diversas das dos que tinham feito soar o clarim, concitando-os á deffeza da honra nacional.

Paz, luz e trabalho! exclamou em certa occasião solemne um notavel estadista conservador.

A paz ia usufruil-a a nova situação; a guerra fora a herança que a decahida recebera de seus antecessores.

Luz, essa luz tão apotecida, era o que este governo apenas de um quinquenio incompleto tinha ido projectar sobre um povo que gemia em trevas!

Trabalho fóra sua divisa para conquistar posição tal partido, afim de realisar seu programma de liberdade e preparar os elementos da victoria.

Corramos, porém, uma sanefa sobre o passado e continuemos.

Como á 16 de Julho de 1868, á 5 de Janeiro de 1878, um outro choque vinha abalar o espirito publico; o primeiro, porém, fora de pavorosa surpresa, o segundo era de geral regosijo e anciosamente esperado, por estes,—que podiam enfim pôr em jogo as forças vivas da opinião, para satisfazel-a; por aquelles, que tinham perdido a confiança nos seus chefes, que se dividiam vendo-os a caminhar sem norte; para estes ultimos, aliás bem poucos—o choque tirou-lhes a illusão da permanencia, unico alvo de suas ambições.

Chegara de uma longa viagem ao estrangeiro o chefe do estado: os cofres do thezouro estavam exhaustos; a descrença lavrava em todas as camadas da sociedade; a concussão tocara a seu auge; o estellionato erguia o collo.

A quem, a que attribuir essa degenerescencia da sociedade brasileira? A's instituições ou a seus instrumentos?

Fora aceita a fórmula de governo, tal qual defendera com ardor Benjamim

Constant. depois de consciencioso estudo do machinismo constitucional adoptado na Grão-Bretanha ; n'esse systema estão em equilibrio, — a monarchia, que symbolisa a ordem, — o poder legislativo, o povo, que symbolisa a liberdade.

Foi baseado n'esses principios que os fundadores do Imperio organisaram o projecto, hoje lei, — a carta que nos rege.

Compreende-se o perigo que ameaça taes instituições si a maioria inclina-se a fazer preponderar esta ou aquella fonte do poder: — d'ahi o absolutismo ou a olygarchia em um caso; no outro a revolução.

Não nos atrevelmos a affirmar, nem mesmo a suppor que haja no paiz uma facção ou talvez um individuo, que trabalhe para fazer triumphar, e até que tenha em mente adoptar o primeiro extremo ; mas é fora de duvida que uma parcialidade, felizmente muito diminuta, esquece o respeito á opinião para manter-se no poder quando o alcança ; o que é um grande passo para o olygarchia.

E' facil entrever qual deva ser o programma dos que tendo em vista o progresso, o aspiram com a ordem : executar a lei, reformando-a, de accordo com as ideias novas, sempre que a opinião publica por seus orgãos authorisados demonstrar-lhes a necessidade. Parece-nos que assim é difficil romper-se o equilibrio.

De harmonia com estas conclusões, propomo-nos apreciar os actos do menisterio que, por indeclinavel necessidade, foi organizado no começo deste anno.

Em que circumstancias se organisou, o que é, o que tem feito o gabinete de 5 de Janeiro, o que d'elle temos a esperar?

A banda opposionista do senado, já restricta em suas fileiras, cada anno diminuia pela força inexoravel da morte: — menos de uma quarta parte dos senadores defendiam com franqueza as ideias liberaes hodiernas.

Os conservadores tinham elevado ás posições culminantes seus mais conspicuos adeptos: eram por elles occupados de ha dez annos, os principaes cargos de administração, da magistratura, da marinha e do exercito.

Parecia que, seguros de sua influencia, nenhum obice se poderia oppor a seus planos; dispunham dos empregos, das graças, enfim, de tudo, para remunerarem seus apaniguados,

Subito, a lei do progresso, fel-os parar na senda que percorriam: o Sr. Cansação de Sinimbu foi chamado a S. Christovam.

Muito antes tinham seus correligionarios indigitado este projecto estadista para tão escabrosa missão: justa homenagem á seus talentos, á sua longa vida politica e administrativa. Encarregando-se da direcção dos negocios da agricultura o Sr. presidente do conselho, formou-se o ministerio; acceitando a pasta da fazenda o Sr. Dr. Gaspar Silveira Martins, eleito deputado em duas legislaturas por sua briosa provincia natal, assaz conhecido não só pelas inequivocas convicções democraticas como pelo brilho da palavra attica, que o caracterizam; a da guerra o Sr. General Ozorio, marquez de Herval, militar cujos serviços nenhum brasileiro pôde contestar, tão rijo no campo, como affavel no salão e firme em seus principios politicos; a de estrangeiros o Sr. Barão de Villa Bella, filho e legitima influencia da historica provincia de Pernambuco, representando no gabinete o norte do Imperio, delicado cavalheiro, cujos dotes intellectuaes e maneiras de sociedade selecta dão-lhe sobeja idoneidade para a alta posição que occupa; a do Imperio o Dr. C. Leoncio de Carvalho, lente do curso juridico de S. Paulo, ardente orador e jornalista, jovem nos annos, porém maduro pelo caracter e pela circumspecção; a da justiça o Dr. Lafayette R. Pereira, advogado do foro da côrte, em cujo tirocinio cedo conquistou a representação de abalizado juriconsulto; a da marinha o Dr. Eduardo de Andrade Pinto, já muito conhecido como adestrado paladino nas luctas politicas e cuja hombridade e severos escrupulos são tão notorios como seu elevado espirito e amor ao trabalho.

Constituido o governo, uma seria, ponderosa e importantissima questão cumpria ser immediatamente resolvido.

A camara essa, não podia deixar de ser, por grande maioria, infensa ao gabinete; facturado partido conservador, ella poderia subdividir-se, perder a unidade de vistas, se tivesse de fiscalisar os actos de um governo formados por seus correligionarios; em presença porém de adversarios irreconciliaveis, *serraria suas fileiras* e compacta a phalange, negaria pão e agua ao ministerio. Outra não deveria ser a previsão d'este, que jamais esperaria, poder viver com o apoio d'essa camara.

Um dos tres expedientes havia a tomar, mas importava que sem demora se o puzesse em pratica, para que o Ministerio pudesse executar seu programma, exercendo authoridade, certo de que tinha a confiança nacional.

Esses expedientes eram: 1.º convocar logo a camara; 2.º aguardar sua reunião em Maio, — 3.º dissolver-a sem ouvil-a.

Ora, convocar-a era uma humilhação, senão um escarneo, á situação decahida ; ninguém de bom senso supportará que a Corôa appellasse para um partido, sem que este lhe merecesse confiança e sem que por isso deixasse de conceder-lhe a dissolução da camara temporaria, que por honroza hypothese, deveria crer-se hostil ao ministeriô.

As mesmas razões subsistiriam, e com gravame para a marca dos negocios publicos, se, certo de lançar mão do appello ás urnas, o Governo aguardasse a reunião das camaras na epocha fixada por lei.

Assim pois, ouvido o conselho de estado, foi decretada a dissolução.

O governo entrou logo com energica acção a occupar-se dos negocios publicos.

Providencias adequadas relativamente á inspecção das rendas publicas, emissão de papel moeda de preferencia á de apolices, que só servem para tolher nosso desenvolvimento industrial, enchendo as areas dos ricos ; severa punição do peculato e da desidia : de tudo isto com calma, tino e proficiencia, tem curado o Sr. ministro da fazenda.

A esphera de acção do Sr. Ministro da justiça não pôde por certo alargar-se se não de accordo com o poder legislativo. Releva, porém, ponderar que nenhuma queixa até hoje tem vindo denunciar parcialidade de S. Ex. no tocante á magistratura.

A maxima preocupação dos negocios da instrucção publica, tal como a reforma do collegio, de Pedro II, dando liberdade ao ensino, sem forçar a conveniencia do alumno a aceitar uma religião que pôde ser imposta ; zelo pela hygiene, cujo incompleto e mesmo problematico systema, carece ser definido e organizado, tem sido os actos mais salientes do Sr. Ministro do Imperio, que denotam o nobre intento de applicar suas ideias theoreticas, adquirida pelo estudo que desde verdes annos tem sido seu apanagio.

As severas economias do Sr. Ministro da marinha e da guerra tem merecido censuras ; mas é certo que, se assim se tivesse sempre praticado, não se chegaria até a fallar em *banca rota*.

O nobre ministro de estrangeiros por accurado estudo dos negocios de sua repartição, tanto quanto lhe permite um estado que frúe a tranquillidade da paz, diminuiu sensivelmente as despezas de nossas legações sem comtudo ter deixado até hoje de trabalhar com affinco pela favoravel impressão que devemos ter em nossas communs relações exteriores.

De S. Ex. esperamos muita cousa, por seu talento e pela acertada escolha do seu nome a fazer parte do actual gabinete.

O Sr. Leoneio de Carvalho, tomando por base de seus actos o patriótico programma do gabinete de que faz parte, não se tem poupado a seguir a cruzada de regeneração que constitue a bandeira da situação actual:—economia, liberdade e progresso.

Vimol-o impavido, nesta lucta tremenda de eleições, sempre calmo e firme, sustentar os verdadeiros principios de justiça.

Resta occuparmo-nos do honrado presidente do conselho, o Sr. Causação de Sinimbú.

Que tremenda responsabilidade pesa sobre seus hombros?! Para onde vamos; qual é nosso norte? Não continuareis honrado senador, o programma de vossos antecessores.

Assim o cremos.

Vossos antecedentes assaz provam que acompanhaes os progressos do seculo e nem outra cousa se deve esperar de vossa direcção politica.

Para onde ides, devemos saber.

Quereis o governo democratico, tal qual imaginaram e realisaram os povos que estavam sujeitos ao regimen monarchico representativo.

E já destes uma prova.

Um decreto recente deverá ter enchido de orgulho os adeptos da eschola liberal.

Antes destes acertadas providencias para remediar os estragos que a sècca nas provincias do Norte, de panico e de desolação crestaram-n'as.

Enviastes salvadoras commissões de engenharia, por meio das quaes se dará trabalho ao pobre retirante que morre de fome, baldo dos recursos que a infensa estação lh'os tirou!

Oxalá os delegados que escolheste para tão melindrosas empresas saibam cumprir o seu dever.

Convocastes o Congresso Agricola, magestosa ideia na época actual, em que a questão do trabalho livre e a economia se apresentam muito problematicas para a lavoura.

O que, porém, mais nos regosija é este ultimo decreto, no qual o governo manda alterar a forma do juramento, deixando a qualquer funcionario publico a liberdade, obrigando-se a realisar seu compromisso, de jurar em nome da religião que adopta.

A religião não é uma crença, como muitos suppoem ; ella é o verdadeiro laço da união dos povos e depende, *primo loco* do fim a que querem attingir os filhos do trabalho, tendo por norma a honra, e por meio a liberdade.

Parabens ao Sr. presidente do conselho !

Agora, o que esperamos.

Não atrevemo-nos a dizer claramente o que esperamos do patriotico ministerio, que actualmente governa. Temos receio de ser exigentes.

Porque o estrangeiro, que aqui aportou pobre, mesmo indigente, no verdor dos annos, conscio de seu trabalho, tendo recebido n'esta terra os elementos para enriquecer, e que realmente, se não está rico, ao menos tem alguns bens de fortuna, não pôde auferir os mesmos direitos de um cidadão brasileiro nato, que nada faz, nada pode e nada quer fazer em prol de sua patria ?

Demos os direitos de brasileiros a quem merece-os ; é assim que se formam as grandes nações.

« *Ubi bene, ibi patria.* »

E esta questão religiosa ?

E' certo que deve ser respeitado o pacto fundamental :— existe uma religião do Estado.

Pergunta-se :— não é este fatal artigo um obstaculo a immigração ?

Não julgam os estrangeiros que procuram o Brasil para melhorarem de sorte que semelhante lei, irrevogavel sem uma constituinte é um espantallo para o seu bem estar ?

Será isto o que quer o actual governo ?

Taes reformas só podem ser realisadas depois de profundo e complexo estudo, reconhecemos ; mas o fim é justo e nobre e, como tal, inevitavel ponto de mira, de um governo ajuizado e crente.

SUMMARIO

O Phonographo.	4
Caminhos de ferro no Brasil, á proposito de um decreto recente.	2
Denominações de algumas localidades em lingua tupi.	8
Apontamentos sobre a Franco-Maçonaria.	10
Um discipulo de Allan Kardec.	14
Uma orgia sacerdotal no pagode de Kandah-Swany	18
O plano de viação da provincia do Rio de Janeiro.	22
Desecamento de pantanos	23
Chronica politica.	24

NOTA.—Escaparam algumas incorrecções typographicas que o leitor facilmente supprirá; pelo que pedimos desculpa.

A REDACÇÃO
